

# Educação na Época das Incertezas: Como Professores da Educação Básica de Campo Grande se Posicionam

## Education in Times of Uncertainty: What the School Teachers in Campo Grande Say about it

Antonio Sales<sup>a\*</sup>; Clodoaldo Almeida dos Santos<sup>b</sup>; Fausto Luiz de França Neto<sup>c</sup>; Anderson Martins Corrêa<sup>d</sup>

<sup>a</sup>Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e Universidade Anhanguera Uniderp.

<sup>b</sup>Escola Estadual José Maria Hugo Rodrigues. Campo Grande, MS.

<sup>c</sup>Escola Estadual Padre José Scampini, Campo Grande MS

<sup>d</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul.

\*E-mail: profesales@hotmail.com

---

### Resumo

O presente trabalho é resultado parcial de um projeto mais amplo, que pretende investigar os dilemas éticos do professor da Rede Pública de Ensino de Campo Grande, MS. Como primeira aproximação se buscou investigar os conflitos vividos no exercício da profissão levando em conta que se está vivendo em uma era de incertezas. A análise tomou por base os pressupostos de Zigmunt Bauman, que considera esta época como dotada de fluidez e ambiguidade. A pesquisa se caracteriza como qualitativa descritiva e os dados foram obtidos por entrevista. A análise aponta para certo grau de sofrimento nos professores de Exatas e a dificuldade deles em lidar com as incertezas e o que consideram falta de interesse por parte dos alunos.

**Palavras-chave:** Ética. Pós-Modernidade. Práticas Docentes.

### Abstract

*This paper is a partial outcome from a more comprehensive project whose goal is to investigate ethical dilemmas of public school teachers from Campo Grande, MS. As first step, the conflicts were investigated that appear during teaching job, considering that we have been living in times of of uncertainty. The research was based on Zigmunt Bauman's approach, that considers contemporary context provided with ambiguous and fluid thoughts. The present work is a descriptive and qualitative research and data were collected by means of interview. The results have shown the existence of a degree of teachers' suffering and the difficulty they find about dealing with uncertainty and what they consider lack of interest by their students.*

**Keywords:** Ethics. Postmodernity. Teaching Practices.

---

## 1 Introdução

Discutir a educação no atual contexto envolve uma imersão nos domínios da ética. Ética entendida como uma disciplina abstrata e geral, que não se confunde com as ciências práticas. Esta pertence ao domínio das disciplinas normativas, porque tem por função estudar valores, enquanto a estética e a lógica estudam ideias e normas.

Na conjuntura que rege as relações humanas, na atualidade, as normas éticas estão entre essas coisas que se mostram fluidas, escassas, impotentes, exatamente quando se está perplexo diante das incertezas. Sentem-se soltos, inseguros sobre quais seriam as próximas ações a serem executadas para não afetar negativamente, não provocar mal-estar naqueles com os quais ocorrem relacionamentos direta ou indiretamente. É um contexto em que se sente a necessidade de regras bem definidas, de uma “cartilha” que oriente as pessoas nas decisões e ações. No entanto, é exatamente isso que não se tem e que dificilmente será construído. Paradoxalmente, quando aparece alguma indicação, esta gera insegurança se tem nela a orientação de que se necessita.

Entretanto, insiste-se que é preciso assegurar que

indivíduos livres façam o que é reto e, por essa razão, espera-se que alguma forma de coação entre em jogo. Nessa perspectiva, os impulsos indóceis e potencialmente maus devem ser mantidos em xeque – seja a partir de dentro ou de fora, seja pelos agentes mesmos, pelo exercício de seu ‘melhor juízo’, suprimindo seus instintos com a ajuda de suas faculdades racionais – ou expondo os agentes a pressões externas racionalmente planejadas, que assegurassem que ‘não compensa fazer o mal’ e, assim, estes fossem desencorajados de fazê-lo para a maioria dos indivíduos na maior parte do tempo.

É nessa perspectiva de uma moralidade líquida, como a classificou Bauman (1997), de conflitos entre o individual e o social, diante de uma educação que se posiciona entre a liberdade e o controle, que este estudo buscou analisar as perspectivas de professores da Rede Pública de Mato Grosso do Sul, em Campo Grande.

## 2 Material e Métodos

Buscou-se desvelar o posicionamento do professor diante das incertezas da pós-modernidade sem pensar em termos quantitativos, porque demandaria maior espaço temporal

e maior abrangência geográfica. Além disso, requereria um número maior de pessoas envolvidas no processo de investigação e o apoio de um número maior de instituições para as quais a palavra ética poderia ser fonte de constrangimento pela ambiguidade do termo nos meios educacionais. Optou-se, então, pela pesquisa qualitativa descritiva com acesso ao pensamento do professor por meio de entrevistas. De preferência, a “entrevista aberta ou em profundidade em que o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões” (MINAYO, 2014, p.262). Foram realizadas entrevistas com três professores da Educação Básica, que atuam no Ensino Médio, sendo um da área das Ciências Biológicas e da Saúde e dois de Ciências Exatas e da Terra (Física e Matemática). Todos com mais de dez anos de magistério. Um (P1) atua somente no Ensino Médio e os outros (P2) e (P3) atuam no Ensino Médio e Fundamental. P1 e P2 atuam em uma mesma unidade escolar e são parceiros de trabalho por muito tempo, enquanto P3 atua em outra região da cidade e atende a outra clientela.

O critério de inclusão teve por base a disponibilidade dos participantes, bem como a facilidade de acesso dos pesquisadores.

### 3 Resultados e Discussão

Um dos problemas que se enfrenta é que não se pode dimensionar o resultado das ações, a influência das decisões. Quantas pessoas serão afetadas, e de que modo serão afetadas por alguém, é impossível prever neste mundo conectado. Por quanto tempo, após ter acontecido, as ações continuarão agindo e exercendo a sua influência?

Essa questão não tem resposta.

Os “efeitos colaterais”, portanto, são imprevisíveis e é impossível antecipar as consequências das palavras, dos atos, do trabalho. O problema se agrava quando se pensa que se pode fazer mal inadvertidamente, “ferir” sem propósito e, ainda, sentir ou ser culpabilizado, moralmente, pelo que é feito por essa pessoa. Qual a pessoa bem intencionada que não sentirá insônia ao saber que alguém está sofrendo em consequência de suas ações? Quando se é mal compreendido em palavras e se sabe que, por isso alguém está magoado, tal situação não incomoda?

A análise traz os seguintes dados sobre a perspectiva dos professores em relação ao papel da escola, da sua disciplina específica e da avaliação de aprendizagem. Os profissionais das Exatas (P1 e P2) destacaram que uma das alegrias do exercício da profissão advém do reconhecimento dos alunos, quando muito tempo depois, alguns voltam para agradecer ou o fazem quando aparece a oportunidade. Tendo em vista que as entrevistas foram em oportunidades, e por entrevistadores diferentes, as questões apresentadas não foram formuladas, exatamente com as mesmas palavras, embora versassem sobre o mesmo tema. O critério da escolha foi a disponibilidade do

professor em participar da entrevista.

Para P1, a escola tem o papel de passar informação, que ele considera excessiva, não cabendo a essa instituição a tarefa de educar. O aluno precisa aprender os conteúdos que a escola ensina, porque é isso que lhe será cobrado pela sociedade (“pelo mundo”) nos concursos, nos vestibulares e no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Portanto, a sua visão é de um ensino imediatista focalizando puramente o aspecto cognitivo. Embora, disse ser desejável que haja aluno crítico, que questiona o professor, admite que o saber do aluno não tem valor perante a sociedade, porque não lhe será cobrado formalmente. Portanto, a criticidade é entendida como a capacidade de se concentrar na aquisição de conceitos científicos e perguntar sobre eles. A educação é incumbência tão somente da família e o professor é aquele que insere o aluno nos meandros da ciência ou, quiçá, no mercado de trabalho.

Outra perspectiva acerca da formação crítica do aluno é abordada por P3, que atribui ao professor a responsabilidade de ofertar insumos aos estudantes, visando a promoção da criticidade dos mesmos. Segundo P3, ser crítico é saber escolher, saber competir: “E... isso faz parte do papel do professor.” Para esse profissional, a formação que incentiva a postura crítica não permite que o aluno seja um mero receptor passivo de informações, mas sim um indivíduo capaz de fazer escolhas autônomas.

A busca pelo reconhecimento também está presente nas falas desses professores, quando respondem a questão: “fale das alegrias da profissão”.

Alegrias são, ah!, quando você encontra com os ex-alunos e eles vêm agradecer aqueles momentos difíceis que você teve com eles no seu aprendizado, na sua carreira, esses momentos são muito gostosos e algumas atitudes em sala de aula também, algumas alegrias também algumas ah experiências que os alunos trazem para o professor acaba te passando algumas formações né (sic), que você aprende também com o aluno. (P1).

E ainda, segundo P2: “alegrias quando o aluno vem agradecer, quando vem falar que passou no vestibular, concurso, trazer convite para formaturas, [falar] da nossa amizade para tirar fotos com eles”.

Aparece também a não aceitação da diferença, especialmente, no que diz respeito à perspectiva.

Quando solicitados que falassem das frustrações, foi ouvido que:

As frustrações acontecem quando você prepara o seu conteúdo, a sua matéria, fica na sala de aula e você tem uma boa parte daquele tempo com alunos que não querem aprender, eles não querem porque a minha disciplina é uma disciplina que exige pensar. Aquele que tenta, mas tem dificuldades ainda a gente aceita, mas as decepções [vêm] quando você prepara o conteúdo e ele não quer. Tudo na minha concepção todo aprendizado requer algo em troca. (P1).

E ainda:

Não vou nem falar em salários, não posso comparar as

profissões. Às vezes algumas escolas, a direção escolar, a gestão escolar [...] no Estado está ótimo, tem eleição a gente pode escolher e fica bom. Na prefeitura são muito autoritários, mandam dar nota para o aluno e o modo que tem de chegar na gente é muito pesado, você tem que aprovar o aluno. Você tem que fazer isso. No momento, isso é o que mais me incomoda. (P2).

É difícil para o professor conviver com a contradição, com a ambivalência dos relacionamentos humanos. Exatamente ele que trabalha, diretamente, com muitos seres humanos ao mesmo tempo tem essa dificuldade. P2 afirma que se angustia, quando vê esse desinteresse dos alunos porque, diz ele, quando: “você vê um grupinho [de alunos] na rua conversando eles não conversam das necessidades do dia a dia, é só bobagem”. Transparece em sua fala, que sente falta de um modelo de comportamento, um padrão de interesses, uma regulação do comportamento dos jovens estudantes.

A doutrinação da sociedade também se faz presente. O docente percebe isso e, nos discursos desses dois professores (P1 e P2) está presente a anuência, pois quando lhes foi perguntado por que o aluno deve vir à escola e se tem que aprender aquilo que está sendo ensinado, afirmaram que:

O que é cobrado, né (sic) porque o mundo, eu vejo assim. O aluno, ele, pode aprender o que ele quer, mas o mundo cobra isso dele? Como assim o mundo cobra dele? quando ele vai fazer alguma entrevista, um simulado, um Enem e aí aquela informação que ele precisa ele não tem porque aprendeu outras coisas que não é aquilo que a sociedade quer que ele aprenda o que vai querer dele. Um aluno quer ser policial, ele vai passar num concurso. Se ele não tem esse pré-requisito, ele não consegue passar. Esse pré-requisito ele consegue através da escola. (P1).

A ambiguidade deve ser controlada, porque o aluno aprende o que quiser, mas isso não terá valor.

E ainda, conforme P2: “Como eu aprendi, eu acho que eles vão aprender também. Hoje com a tecnologia você vai saber separar as informações para estudar por conta, fazer o Enem e passar?”. Em ambos os casos, o padrão esperado está posto e todos devem se adequar a este..

O discurso de P3 destoa um pouco dos outros dois, pois vê a escola como instrumento fundamental para a construção do futuro do aluno. Para ele, os alunos devem vir à escola “Porque eles precisam de formação. Eles precisam estar aptos para o futuro, e não tem outra maneira de você estar apto à sociedade do futuro se não for através da escola”. A escola é o instrumento de inserção do jovem na sociedade.

Entretanto, embora reconheça que há a necessidade de um programa básico de conteúdo, não corrobora com a tese de que os estudantes precisam aprender da mesma forma, ou os mesmos conteúdos, que foram aprendidos pelos docentes. Segundo P3, é necessário que haja uma base de conteúdo programático que não precise ser idêntica ao de gerações anteriores, mas “tem que: ‘tá de acordo com a evolução tecnológica e social que o mundo atravessa” (P3). Para o referido docente, um currículo adequando não é aquele que preserva os mesmos conteúdos, em diferentes épocas, uma

vez que gerações distintas vivem em mundos distintos, em épocas ímpares e contextos peculiares.

Outro aspecto apontado por P3 diz respeito à qualidade na Educação. Segundo esse educador, qualidade na educação é a produção do estudante habilitado para realizar escolhas oportunas. Essa tarefa, entretanto, demanda o fortalecimento da autonomia do professor através da efetivação de um currículo flexível e condizente com a realidade do estudante, conforme aponta:

É preciso saber o que tem no nosso jardim. E do nosso jardim expandir para o jardim dos outros. Mas como... o que acontece é que a gente vive estudando realidades de outras regiões, realidades de outras... de outros países. Nós temos um currículo que serve de base, ou... que foi ....é...construído em cima de história dos outros e não em cima da nossa própria história. (P3).

Esse pensamento não é unânime. P3 volta o seu olhar para dentro da escola, e traz para o professor parte da responsabilidade ao apontar que qualidade na educação: “É conseguir formar um aluno capaz de ter opinião própria. Se você tem um aluno que tem opinião própria, sabe expor, sabe argumentar...sabe!? então isso é qualidade”. Enquanto isso, P1 concebe que a melhoria da educação não tem relação com o currículo ou com atuação do professor. É problema da família e é nesse segmento social, que deve haver investimento para que a educação possa produzir os cidadãos que se espera. Nas suas palavras:

Para melhorar a educação.... Vamos pegar lá dos nossos filhos, vamos dizer assim. Primeiramente a sua formação em casa... Eu com 20 anos em sala de aula não vejo como conseguir na escola de 4 horas, 5 horas ter um aluno bom com pouco tempo assim. Se ele não tem uma estrutura familiar, se ele não tem alguém que acompanhe ele; se ele tem alguém que o acompanhe vai melhorar bem. A educação pode melhorar, ter ambientes agradáveis, materiais ... para se dizer, outros tipos de atrativos laboratoriais, cinemas outros tipos de atrativos para o aluno; talvez isso melhore. (P1).

P1 pensa a escola em termos de recursos materiais, em possíveis equipes que cuidariam de tornar o ambiente “atrativo”, sendo que por atrativo ele entende o lúdico, a informalidade, a ausência de responsabilidade como saber formal. Para ele haveria duas escolas no mesmo espaço físico: uma formal, rígida, composta pelas aulas fundamentadas nos conteúdos do currículo e outra, não formal, sem conteúdo específico, lúdica. Não ficou claro como as duas se articulariam para formar o cidadão e para possibilitar que as aulas rígidas das disciplinas exatas pudessem atrair o aluno. Não há espaço, em seu discurso, para o não rigor no tratamento dos conteúdos, que estão no currículo como obrigatórios. Eles são a “cartilha” que o aluno necessita para ser bem orientado. O seu olhar se volta para fora da escola e de si mesmo e encontra o vazio.

O raciocínio de P2 vai nessa mesma direção. Ele afirma que:

[...] eu acho que o foco não vai só na educação tem que ser na família também. No meu entender quando o aluno não consegue aprender lá [...]. Muita família desestruturada, se

tem uma confusão, briga, problema econômico, são vários fatores. Só ensinar... não concordo que vai melhorar; para melhorar temos que melhorar vários fatores. (P2)

Supõe-se que o fato de P1 e P2 atuarem há muito tempo, na mesma unidade escolar, tenha contribuído para haja certa unidade no discurso. Insistem em levar o problema para fora da escola, transferir a responsabilidade para aqueles que trazem os filhos para escola exatamente para serem educados nos caminhos dos conhecimentos formais. Nessa perspectiva, o apoio familiar seria peça fundamental de articulação para o aprendizado discente e esse apoio tornaria o ambiente escolar favorável, ou contribuiria para facilitar o trabalho didático do professor, além de servir de articulação para tornar o ambiente escolar aceitável para o aluno, especialmente, para aquele que desiste ou que falta às aulas para ir namorar ou passear na feira. Vê-se, nesse discurso, a busca pela origem do problema.

Por trabalhar em outra unidade escolar, P3 recebe outras influências e apresenta, portanto, outro discurso. A preocupação de P3, relativa ao conteúdo, refere-se à abordagem pouco democrática empregada pelos mantenedores do sistema educacional, que listam os programas curriculares a serem executados pelo professor, de forma a fortalecer uma prática unilateral de gestão, que não favorece a realização de ações dialógicas entre os educadores e demais integrantes da comunidade escolar.

Para complementar o presente estudo, cabe ressaltar outro apontamento de P3. Trata-se, pois da promoção do estudante para as etapas seguintes do curso. O docente demonstra

preocupação com a atual prática de promoção realizada pela equipe pedagógica.

Eu acho que capacidade todo mundo tem. E essa capacidade tem que ser colocada à prova. Só não nesse método e nesse sistema da atualidade que não comprova nada, sabe!? Mas tem que ser colocada à prova sim. Mas não... é... uma prova bimestral, uma prova semestral, uma prova anual. (P3).

A ideia exposta vai ao encontro da necessidade de flexibilidade nos mecanismos avaliativos utilizados pela escola. Ainda, segundo P3, é necessário por em prática instrumentos avaliativos, que contemplem modalidade contínua de avaliação. Nesse sentido, as verificações de aprendizagem escrita não são os instrumentos avaliativos mais assertivos, apesar de comumente utilizados como elementos base para compor o quadro avaliativo utilizado pelo docente. Não é o que pensa P2, por exemplo, que se mostra contra a flexibilização na avaliação ou possível aprovação automática. Segundo ele:

O aluno perde total respeito pelo professor. Você faz tudo na sala de aula e ele perde interesse de saber para passar, porque sabe que vai passar. Ele não pensa no futuro dele que vai passar, vai passar no concurso, ele perde o respeito pelo professor [...] respeito, ele ri na sua cara [...]. Tem que ter mais provas. No meu tempo, para passar para o sexto ano tinha uma prova de nivelamento hoje tem aluno do ensino médio que não sabe bem escrever. (P2).

Há que ser rígido, pensa esse professor. Há que aumentar o grau de dificuldade nas avaliações. É preciso reprovar mais para que haja respeito e aprendizado. Um resumo dessa discussão aparece no quadro a seguir (Quadro 1).

**Quadro 1-** Resumo da Discussão sobre Perspectivas Educacionais, Motivação e Visão de Educação

Professor	Formação	Atuação	Perspectivas Educacionais	Principal Motivação	Visão de Educação
P1	Licenciatura em Física	Ensino Médio	Espera por um aluno do “seu tempo”, centrado na aula, capaz de isolar-se dos problemas da vida.	O retorno dos alunos em amizade e produtividade acadêmica	Educação compartimentada. A família faz uma parte e o professor faz outra. A família educa e professor informa.
P2	Licenciatura em Ciências e Matemática	Ciências no Ensino Fundamental e Matemática no Ensino Médio	Espera por um aluno do “seu tempo”, centrado na aula, capaz de isolar-se dos problemas da vida.	O retorno dos alunos em amizade e produtividade acadêmica	Educação compartimentada. A família faz uma parte e o professor faz a outra. A família educa e professor informa.
P3	Licenciatura em Biologia	Ensino Fundamental e Médio	Tem consciência de que as mudanças sofridas pela sociedade e a estrutura do sistema educacional influenciam no comportamento do aluno	O desenvolvimento pessoal do aluno e a busca pelo aperfeiçoamento sistema avaliativo	Educação como um processo para ser desenvolvido em sistema de cooperação.

Fonte: Dados da pesquisa.

As análises permitem apontar a existência de polarização entre as duas áreas de conhecimento abordadas no presente estudo. Esse posicionamento polarizado (Exatas *versus* Biológicas) precisa ser mais bem estudado, ser aprofundado com outros exemplos e outras análises. Tem-se, portanto, aqui indicativos para outras investigações do gênero, inclusive comparando com outras áreas do conhecimento.

Olha-se ao redor em busca da origem do problema que

angustia. Procura-se a razão de se encontrar tanta dificuldade em definir, que direção dar para as ações e não se encontra. Busca-se um possível culpado para as investidas mal sucedidas nesse universo de relacionamentos e se encontra o vazio.

Precisa-se de regras que orientem sobre como se aproximar das pessoas, como decidir quais as ações que devem ser praticadas, mas Bauman (1997) aponta que mesmo que as pessoas as tivessem não poderiam garantir que se estaria

isento dos “pesadelos”, livres da possibilidade de colher frutos indesejáveis das ações.

Um fator destacado por Bauman (1997, p.32) é a divisão do trabalho. O envolvimento de muitas pessoas na realização de uma mesma tarefa torna impossível que alguém assuma sozinho a responsabilidade pelo resultado, seja este bom ou ruim. Esse sociólogo fala de uma responsabilidade “flutuante”, que não encontra “em nenhum lugar o seu porto natural”. Dessa forma, fica rarefeita tanto a culpa pelo mal feito, quanto a alegria e o direito à recompensa pelo bom resultado obtido.

Esse fator, de forma especial, afeta diretamente o professor, tendo em vista que o seu trabalho é essencialmente coletivo. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o professor partilha os resultados com a orientação e apoio que a criança recebe da família e com o professor do ano anterior. Nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, os resultados precisam ser compartilhados com a família, com os professores dos anos anteriores e com os professores das outras disciplinas ou componentes curriculares. A tudo isso se associa, ainda, a gestão escolar que afeta o trabalho docente com a forma como gerencia os conflitos extraclasse, disponibilizam a distribuição de material e carga horária e, ainda, como orientam os procedimentos aceitáveis ou não no ambiente escolar. O próprio trabalho do professor é fragmentado. A chamada fragmentação do conteúdo, que muitas vezes se fala, é irrelevante nessa análise. Trata-se aqui da fragmentação de deveres do professor ou de expectativa em relação ao desempenho de sua função. Ensinador, conselheiro, apaziguador de ânimos entre alunos que são desafetos, “motivador” ou incentivador de alunos para a carreira acadêmica e, protetor, uma vez que se espera que fique atento a possíveis necessidades especiais dos alunos para prover elementos para denúncia ou para orientar o seu encaminhamento aos setores especializados.

A propósito dessa situação emblemática em que se encontra o professor, escreveu Robelo (2012, p. 60) que:

O sistema didático deve considerar-se na situação efetiva na qual se encontra localizado: a situação escolar, pois os sujeitos em interação (professores e alunos) são sujeitos situados em um contexto (a instituição escolar) que determina expectativas, códigos e comportamentos específicos.

No entanto, os alunos não vivem somente na escola e para a escola. Bauman (1997, p.32) fala que as pessoas desempenham múltiplos papéis e que “parece que nenhum desses papéis os abarca ‘por inteiro’”. Tratando desses múltiplos papéis, o autor afirma que:

[...] não se pode pretender que algum deles se identifique com ‘o que somos verdadeiramente’ como ‘totalidade’ e como indivíduos ‘únicos’. Como indivíduo, somos insubstituíveis. Não somos, porém, insubstituíveis no desempenho de qualquer de nossos múltiplos papéis. Cada papel tem anexo um resumo que estipula exatamente que tarefa se deve fazer, como e quando. Toda pessoa que conheça o resumo e tenha dominado as capacidades que requer a tarefa pode fazê-la. Nada mudaria muito, portanto, se eu optasse sair: outra pessoa logo preencheria a lacuna deixada por mim

(BAUMAN,1997, p. 33).

A responsabilidade, portanto, é do papel e não da pessoa. É como se a pessoa vestisse uma roupa de trabalho e enquanto se está com ela se é responsável, quando se passa tal roupa para outra pessoa se passa também a responsabilidade do que ocorrer, mesmo ainda que o processo tenha se desencadeado, quando ainda se estava em serviço. Nada, porém é tão simples, pois algumas vezes, como diz Bauman, a mancha não está na roupa, ela está apegada ao corpo e se sente o seu incômodo por longo tempo depois de se ter transferido a responsabilidade. Portanto, muitas vezes, as pessoas estão e não estão no trabalho, e outras vezes continuam nele, mesmo depois de se afastar dele.

Com base no exposto e tomando a experiência profissional dos pesquisadores se pode afirmar que não existe ex-aluno. Muitos anos depois de se haver deixado para trás as salas de aula de uma instituição, encontra-se com pessoas que dizem: “o senhor foi meu professor e até hoje me lembro das suas aulas, elas foram muito importantes para mim”. Pode-se imaginar que tantos outros também se lembram, mas nada dizem por não poderem afirmar que foram importantes para eles. São as “vozes diversas” de que fala Bauman (1997, p.34). São normas de conduta contraditórias, expectativas conflitantes, que não permitem a pessoa se sentir confortada ou ser conformista. Essa constatação deixa um gosto amargo na boca e se anseia por orientações seguras, sem as encontrar.

As mesmas responsabilidades que afadigam alguns fazem falta, quando são retiradas de outros. Sem estas ocorre o sentimento de abandono, vazios de importância social, e com estas também se pode sentir a opressão. Conforme já foi dito, as pessoas anseiam por normas que regulem as ações, porque se supõe que com elas ocorrerá o sentimento de segurança, de ser guiado, amparado, mas essas mesmas normas submetem, cerceiam a liberdade, desumanizando. No entanto, por vezes, prefere-se a submissão ao abandono. Postula-se que a certeza é melhor que a incerteza, quando é a incerteza que desafia.

Essa perspectiva de analisar a educação, melhor dizendo, analisar o contexto ético em que labora o professor, implica em pensar nas consequências profundas para o fazer docente. Implica em pensar nas dores que sofre esse profissional, ainda mais quando se leva em conta que este profissional é pressionado pelos resultados imediatos do seu trabalho que não coincidem com os esperados pelos gestores. Que o tempo de aprendizagem não coincide com o tempo escolar, já é bem sabido. Que cada aluno deve ser tratado como uma pessoa, que deve ser visto em sua individualidade, estes aspectos estão presentes nos discursos. No entanto, por questões administrativas e econômicas, as classes continuam sendo numerosas e o aluno sendo tratado como um número, para que a escola cumpra as suas metas. Ao final do ano se espera que todos sejam aprovados, isto é, que saibam as mesmas coisas e deem as mesmas respostas nas avaliações.

Bauman (1997), que qualifica esta época como pós-

moderna, pondera que o período que precedeu (e que ainda tem suas raízes bem firmadas) tem como fundamento doutrinar a sociedade por meio de códigos, de instruções e de valores, que são motivados por leis, pela propagação de ideias e por outros instrumentos coercitivos. A modernidade, esse período anterior ao que se vive, entende que a educação tem por finalidade moralizar os princípios, tendo em vista a promoção da boa conduta do indivíduo. E que essa moralização se faz necessária pela propagação de códigos sugeridos pelos encarregados de promover o bem-estar comum. Entretanto, essa visão sugere o entendimento e a prática de ações, que conflitam com a autonomia daqueles que estão sendo cuidados. Nesse sentido, a contradição entre as apresentações reflete fielmente o verdadeiro conflito entre tendências igualmente vigorosas da sociedade moderna, uma sociedade que é ‘moderna’ na medida em que tenta, sem cessar, mas em vão, “abarcando o inabarcável”, substituir diversidade por universidade, e ambivalência por ordem coerente e transparente – e, ao tentar fazê-lo, produz constantemente mais divisões, diversidade e ambivalência (BAUMAN, 1997, p.13).

As relações sociais acontecem em meio a eventos conflitantes. Tais eventos são desencadeados através de cadeias de variações, que tornam inoperante a possibilidade de conduzir um código ético ileso de atos imorais. Esse fenômeno parece não ser reconhecido pelos representantes da moralidade modernista, uma vez que, para eles, a educação deve ser pautada em uma ética normativa e é apresentada como forma de código planejado e aplicável ao contexto social com a função de tornar a vida das pessoas íntegras. A utilização dessas estruturas, teoricamente, eliminaria entraves éticos e os princípios pensados por responsáveis pela instauração e criação dos códigos éticos vislumbravam uma sociedade livre de mazelas moralmente incoerentes. Dessa forma, o planejamento, a coordenação e a execução de projetos e de códigos moralistas buscavam estabelecer atos, que garantissem a manutenção da ordem. Essa possibilidade exige ações unilaterais dos criadores de leis e de códigos, além de estratégias de contenção de eventos que pudessem comprometer essa ordem. Assim, a modernidade convivia com o medo da liberdade do indivíduo, como assinala o autor citado (BAUMAN, 1997, p.15). Medo que ainda incomoda o professor.

Essa questão é discutida também por Penteadó (2009, p.17), que destaca a modificação nas relações de poder, tendo em vista que a administração dessas relações resulta sempre em riscos. Conferir maior poder ao aluno envolve o risco de perda de poder pelo professor. Quando o professor se aproxima do aluno, usando a linguagem deste, tratando o conteúdo no nível deste, se afasta dos “seus pares acadêmicos e dos grupos sociais que determinam a validade de sua matéria no mercado de trabalho”. Pondera ainda a autora citada, que o que não lhe:

[...] parece ético é que nas sociedades pós-modernas, que investigam e investem na concepção de que as verdades são narrativas constitutivas e constituintes das realidades,

estabelecendo-se provisoriamente a partir de concretudes culturais e históricas, ainda podemos cogitar impor normas de conduta para nossos alunos, acreditando que somos detentores do conhecimento daquilo que é melhor para eles e que seja possível falar em ética, enquanto impomos regras, sem o cuidado ético de negociá-las. (PENTEADO, 2009, p.24).

Essa é a complexidade nas relações com as quais se depara o professor. Uma complexidade tamanha, que leva Bauman (1997) a considerar que, quando vista ‘desde o alto’, por responsáveis pelo “curso da sociedade”, pelos guardas do “bem comum”, por aqueles que determinam o currículo, a liberdade do indivíduo, o direito do aluno escolher o que quer estudar, tal complexidade deixa a todos perplexos. Convive-se com a perspectiva de que a liberdade individual é suspeita, desde o início, pela simples imprevisibilidade de suas consequências, sendo uma constante fonte de instabilidade, elemento de caos, que se deve refrear para assegurar e manter a ordem. Essa visão coloca as pessoas em confronto com a tarefa de legislar a ordem e reprimir o caos. Historicamente, o professor, ou melhor, a escola, se posiciona nesse patamar e é nessa visão de controle que se espera que o professor atue.

#### 4 Conclusão

Os discursos desses professores mostram que os que são da área de Ciências Exatas e da Terra tendem a serem mais rígidos, mais disciplinadores. Para eles, os valores devem ser impostos, a “cartilha” existe e deve ser cumprida, as provas escritas homogêneas devem permanecer, sendo, inclusive intensificadas. A divisão de tarefas está bem nítida. A família deve educar, construir os valores morais, e o professor, informar, orientar para o mercado.

Em todos os casos, o conflito nas relações está presente, a forma de lidar com este é que difere com a formação do professor e com a unidade escolar na qual trabalha. Os professores de exatas se moldam mais facilmente pelas expectativas dos gestores e anseiam evitar efeitos colaterais indesejáveis sem, no entanto, conseguir e sem se darem conta dessa impossibilidade.

#### Referências

- AQUINO, S.R.F. Ética e moral no pensamento de Bauman. *Cad. Zigmunt Bauman*, v.1, n.2, p.35-47, 2011.
- BAUMAN, Z. *Ética Pós-Moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.
- MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC, 2014.
- PENTEADO, A. Ético é discutir ética: pensando as possibilidades de introduzir os alunos nos debates que organizam as instituições escolares. In: OLIVEIRA, R.J.; LINS, M.J.S.C. (Org.). *Ética e educação: uma abordagem atual*. Curitiba: CRV, 2009. p.13-24.
- ROBELO, O.G. *La enseñanza y aprendizaje de las matemáticas básicas en niños de aulas Mexicanas*. México: Ángeles Editores, 2012.
- SANTAELLA, L. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.